

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

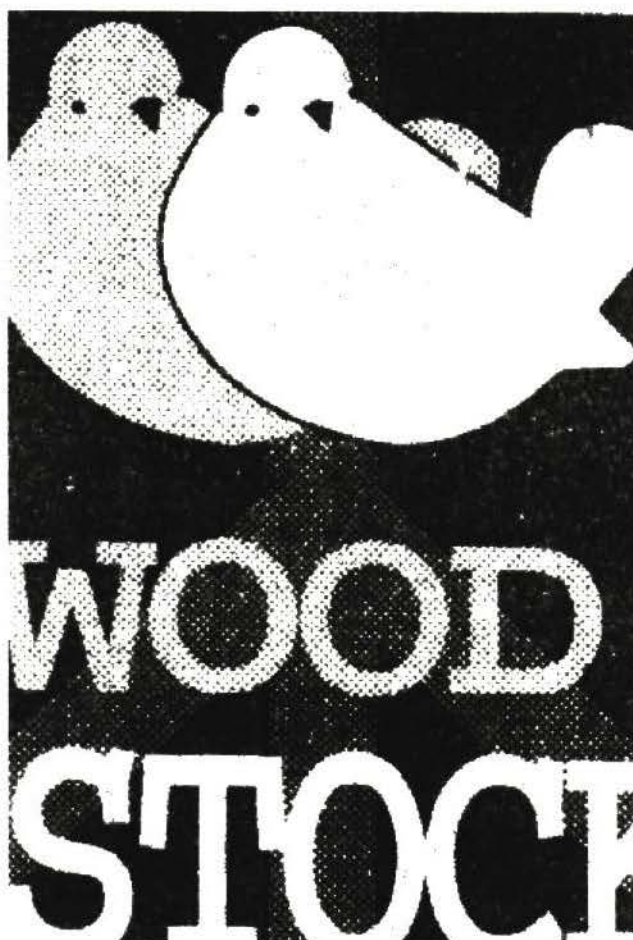
O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

WOODSTOCK E A CONTRACULTURA

Um Olhar sobre os E.U.A. dos anos 60



ADRIANA DE ALMEIDA TELES

Uberlândia
1.998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COI
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Minas)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

1501

59
109
2000

ADRIANA DE ALMEIDA TELES

**WOODSTOCK E A CONTRACULTURA:
Um olhar sobre os EUA dos Anos 60.**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do Bacharelado em História junto ao Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Rosangela Patriota.

Uberlândia, Setembro de 1998

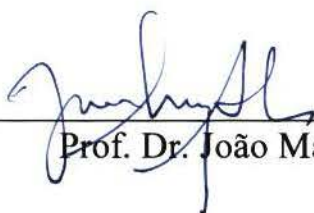
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - COMS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.^o
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Rosangela Patriota (Orientadora)



Prof. Dr. Alcides Freire Ramos



Prof. Dr. João Marcos Alem

Uberlândia, Setembro de 1998.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da trajetória do trabalho de pesquisa, percebemos que muitos dos companheiros que iniciaram esta jornada ou ficaram para trás ou até mesmo perderam-se em meio ao tumulto da própria vida. E este é o único espaço de que dispõe o pesquisador para formalizar a sua gratidão.

Agradeço aos poucos e bons companheiros que me apoiaram e continuaram sua caminhada.

Agradeço ao Prof. Dr. João Marcos Além e ao Ms. João Francisco Natal Greco, do Laboratório de História, pelo incentivo e estímulo dados.

À minha orientadora Rosangela Patriota, pela sua paciência, compreensão e amizade, que soube entender as minhas limitações e dificuldades.

À minha família e a Gilmar, meu noivo, pelo carinho e paciência e por sempre terem acreditado em mim.

Dedico este trabalho a todos aqueles
que acreditam e lutam para verem seus
sonhos realizados.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I	
AS PERSPECTIVAS DA DÉCADA REVOLUCIONÁRIA	9
CAPÍTULO II	
WOODSTOCK, uma manifestação da Contracultura	19
CAPÍTULO III	
A UTOPIA DA LIBERDADE	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
DOCUMENTAÇÃO	38
BIBLIOGRAFIA	39

INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas na sociedade norte-americana, bem como na Europa e em países da América Latina há 30 anos atrás revelaram para estas e tantas outras sociedades envolvidas nesses processo “revolucionário”, um momento de reavaliação no tocante a questões sociais, políticas, econômicas e principalmente culturais.

O período que compreendeu o movimento da Contracultura (década de 60), liderada na sua maioria por jovens, escolheu a reação cultural, particularmente através da música e da mudança dos costumes, como forma de manifestar suas insatisfações para com a sociedade em que viviam.

Neste sentido, o que procuro neste trabalho é retomar alguns dos aspectos que nortearam o período em questão.

No primeiro capítulo, procuramos mostrar através de uma contextualização, os acontecimentos e rebeliões que eclodiram durante a década de 60, destacando dentre outros a Primavera de Praga (1968), o Maio de 68 (França), a Revolução Chinesa e a Guerra Vietnã - EUA, afim de ilustrar o que representou todas estas rebeliões para o mundo.

No segundo capítulo, procuro mostrar através do filme *Woodstock - 03 Dias de Paz, Amor e Música*, do diretor Michael Wadleigh (1994), questões e depoimentos extraídos do próprio filme. Questões estas que visam ilustrar por meio dos acontecimentos do festival, o ideal libertário e revolucionário dos jovens que estiveram presentes no festival em questão.

No terceiro e ultimo capítulo, as questões levantadas através do festival de Woodstock serão levadas ao momento da Contracultura, tentando fazer uma ligação entre o evento (festival) e as mudanças ocorridas em toda uma década.

Deste modo, o que tento demonstrar neste trabalho através da “fonte filmica” e de leituras de textos ligados aos assuntos que mudaram os anos 60 é enfatizar a força revolucionária e contestatória de jovens que lutaram na esperança de uma mudança nas formas de enxergar e conceber o mundo a eles deixado.

CAPÍTULO I

AS PERSPECTIVAS DA DÉCADA REVOLUCIONÁRIA

“Liberdade, liberdade abre as asas sobre nós.”

(Samba Enredo - Imperatriz Leopoldinense - 1989
Niltinho Tristeza, Preto Jóia, Vicentinho e Jurandir).

Os versos acima parecem descrever exatamente o que buscamos discutir neste capítulo: falar sobre os anos 60. A década de 60 parece única no cenário da história mundial - dissemos bem, parece. Outras décadas, outros momentos da história também evidenciam a busca de maior liberdade de expressão e participação política: França - 1830-1848 - a burguesia luta pela sua consolidação e consegue; o proletariado busca maior participação política, e de certa forma, este é o seu primeiro momento de expressão de fato, embora logo suplantado pela consolidação burguesa.

Porém, a década de 60 do século XX talvez seja mesmo um momento ímpar. Até porque não se trata de uma revolução burguesa, menos ainda de uma revolução proletária. Não se trata da consolidação de uma classe, mas da consolidação, ou melhor dizendo, trata-se da luta pela consolidação de uma vontade. Uma vontade de poder viver, respirar, sentir algo que não foi imposto pelos padrões de comportamento ditados. Trata-se de buscar um jeito novo de se viver.

Além do certo e do errado - buscar viver o que é verdadeiramente bom e verdadeiramente belo, sem se preocupar com conceitos prontos e acabados do que é “bom” e “belo”.

Os anos 60 são o momento de reconceituar o bom e o belo, mesmo que aos olhos do mundo, dos padrões e dos nossos próprios olhos, o bom não seja tão bom e o belo pareça feio demais.

Sim, a década de 60 é única. Mas se não for a única, é ao menos a última em que os jovens, transformadores por caráter próprio ou necessidade - buscam transformar o mundo em que vivem, moral, política, social e esteticamente falando. Desde então, pouco ou nada se buscou para mudar o cenário de uma vida.

Não podemos nos esquecer de que os anos 60 também são palco da Guerra Fria, não esquecer que desde o início do século, temos vivido em espera de guerras. A Primeira Guerra Mundial, sem compromissos culturais em primeiro plano, mas com compromissos nacionalistas e militares. o “entre guerras”, novamente de compromisso com a sobrevivência; a maior crise do sistema capitalista, fome e miséria (1929 - Crash da bolsa de Nova York). A ascensão dos regimes totalitários de extrema direita e o compromisso com o Estado ou pior, com o chefe de estado. Uniformidade de pensamento e ação - “A liberdade é um cadáver em putrefação”, diriam os fascistas. E de novo guerra ... a Segunda Guerra Mundial, mais sangrenta ainda que a primeira. Mais preconceituosa, mais autoritária, mais dura, mais assassina. E depois? Depois estamos tontos e duas potências disputam o controle econômico e ideológico do mundo.

Crise na Grécia, Revolução Chinesa, Guerra da Coreia e o início da Revolução Cubana. Capitalistas versus comunistas, duas opções ou duas imposições? Queremos um mundo melhor, é certo, mais justo, mas as opções se esgotam aí, e ficamos divididos entre ser capitalista ou comunista. Será que não existe uma terceira opção? Na verdade o que os jovens procuram na década de 60 é exatamente uma terceira opção ao invés de ficar correndo de um polo a outro. É claro que existe a discussão acerca do socialismo, mas ele vai além de ser ou não socialista ou comunista, a discussão passa pela liberdade reinventando ou inventando o novo - a terceira opção.

Em agosto de 1961 é construído o Muro de Berlim, mostrando claramente que o mundo já fizera a sua opção - dividiu-se. Os jovens aceitaram a opção ou melhor, conformaram-se



Jovem protesta em Praga durante invasão da Tcheco-Eslováquia, em 68, por tropas do Pacto de Varsóvia

Fonte: Jornal Folha de São Paulo – “Caderno Mais” – 10 de Maio de 1.998 – pg. 5.7.

com ela. Será? Alguns acontecimentos da época desmentem esta possível teoria da conformação, a começar pela Primavera de Praga de 1968.

Após a Segunda Guerra Mundial e principalmente após a criação da “cortina de ferro”, a Tchecoslováquia passa a domínio soviético, o que implicou na socialização do país. Acontece que, naqueles momento, todos os partidos comunistas estavam ligados entre si e submetidos as decisões do Partido Comunista soviético. Portanto, o modelo socialista tchecoslováquio seguia o modelo soviético. À partir da morte de Stalin, no entanto, seguiu-se na União Soviética um processo de desestalinização da nação, empreendido pelo presidente Krushev. O progresso de desestalinização da União Soviética, provocou uma espécie de não compromisso com o bloco soviético, e em 1968 o governo theco iniciou algumas reformas no seu regime, que se denominou “Socialismo Humanizado”, partindo principalmente do estímulo à criatividade artística e científica, ficando claro que a Tchecoslováquia tentava romper com o modelo soviético e seguir seu próprio caminho no socialismo.

Mas Krushev, o desestalinizador, caí. Leonid Brejnev assumiu o governo e voltou atrás nas decisões de Krushev e retomando o centralismo stalinista soviético. Em 21 de agosto de 1968, tropas soviéticas invadiram a Tchecoslováquia - não obstante as oposições soviéticas - teimavam no “Socialismo Humanista”. Uma manifestação de jovens estudantes clamavam pela autonomia da nação. “Não queremos viver de joelhos”, afirmavam, queriam liberdade de expressão, pluripartidarismo e o que era pior para eles, para os soviéticos e para o Ocidente inclusive, aproximavam-se perigosamente do Ocidente, numa tentativa de restabelecer relações econômicas e sociais com o outro lado da “cortina de ferro”.

Embora este momento da “Primavera” seja o momento da chamada “coexistência pacífica”, a aproximação da Tchecoslováquia com o Ocidente, colocaria em risco, os acordos de paz e de desarmamento entre Estados Unidos e União Soviética, o que de certa forma e levando-

se em consideração outros incidentes do tipo¹ acabou acontecendo. Mesmo o Partido Comunista checo condenando a invasão, as manifestações foram reprimidas à força e os líderes do partido foram presos.

A Primavera de Praga representa pois dois aspectos interessantes para a nossa contextualização; de um lado a percepção de que o modelo fechado do socialismo soviético, inspirava reformas que a Tchecoslováquia pretendia empreender e que, os jovens daquele país não estavam satisfeitos com a imposição do modelo. Por outro lado mostrava que qualquer reforma interna empreendida num país ao leste da “cortina de ferro”, deveria ser feita com cautela, a fim de não ameaçar a potência dominante no oeste, o que em outras palavras significa dizer que deve-se seguir o modelo e não rebelar-se contra ele. Novamente uma imposição autoritária no modo de agir e pensar de uma determinada sociedade.

Enquanto a Primavera de Praga aparece como movimento político de libertação do domínio soviético por excelência, na França no mesmo ano, ocorre um movimento que melhor traduz os anos 60, e que melhor orienta as nossas discussões: o Maio de 68.

A Maio de 68 tem caráter revolucionário, ocorre em virtude da estrutura autoritária da universidade francesa e da questão da liberdade e de quebra, discute-se o conceito de revolução. Na verdade, o conceito de revolução talvez tenha sido o eixo do movimento. Para os estudantes - responsáveis pelo movimento e cujo meio era o espaço privilegiado para as discussões naquele momento - fazer política não implicava necessariamente em estar ligado a partidos (diferença gritante do movimento vivido pela Tchecoslováquia) e pensar a revolução não pode ser apenas em cima de questões sociais. Segundo Olgária C. F. Matos,

¹ A Primavera de Praga foi precedida pela crise Húngara de 1956, que buscava também romper com o bloco soviético.

*“aqueles que em maio de 1968 se sublevaram estavam recusando muito mais uma certa forma de existência social do que a impossibilidade material de subsistir nesta sociedade”*².

A autora ainda diz mais:

*“a novidade do movimento: ele revelou, diz Marcuse, uma juventude que teria aprendido a não mais se identificar com estes ‘país fictícios’ pelos quais de maneira alternada foram construídos, tolerados e em seguida esquecidos todos os Campos de Concentração da história e todos os Vietnãs, todas as câmaras de tortura das inquisições regulares, todos os guetos, todos os monumentos erguidos em culto aos monopólios; os jovens teriam aprendido a não mais idolatrar em tudo isto a expressão de uma civilização superior”*³.

Para além da Primavera de Praga, o Maio de 68 desconfia de tudo o que se tem dado por certo até então; desconfia dos caminhos tomados pela ciência e pela técnica, desconfia da própria ciência e do progresso, a quem a ciência tem servido. Desconfia da direita, mas também desconfia da esquerda.

O que o movimento pretende é redefinir os caminhos e objetivos da Universidade, do ensino, desmistificar ações, derrubar padrões, enfim reinventar a sociedade em bases libertárias.

O mais interessante desses movimentos é que não apresentam vínculos políticos e partidários. Em Paris reúnem-se várias facções da esquerda marxista, lenilista, trotskista,

² MATOS, Olgária C. F. *Paris 1968: As barricadas do desejo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

³ *Ibidem*, p. 10.



Estudantes protestam perto da praça da Bastille, em Paris, em Maio de 1968

Fonte: Jornal Folha de São Paulo – “Caderno Mais” – Por que a França Explodiu? - 10 de Maio de 1.998 – pg. 5.5.

maoísta, e também se reúnem aqueles que são “apartidários”, em torno do mesmo objetivo, portanto não se pode dizer que tais movimentos tem uma tendência política definida. Na verdade as várias tendências marxistas só existem devido à uma tentativa da esquerda de assumir a luta como sua, de aproveitar aquele momento histórico único para fazer um trabalho de cooptação de elementos que defendiam a sua causa.

O movimento não deixa dúvidas: tanto na França, como nos Estados Unidos - que veremos a seguir - os manifestantes ou revolucionários não estão preocupados com a ideologia política da qual deveriam ou não ser seguidores, mas com o comportamento cultural (ideológico também) que deveriam assumir à partir de então.

Alguns autores como Olgária Matos, Herbert Marcuse e Sellers, deixam claro o caráter “apartidário” dos movimento que eclodem em 1960, principalmente os de 1968. Seus alvos principais são o progresso técnico-científico que naquele momento e no entendimento dos revolucionários, não estão a serviço da humanidade, no sentido de promover a paz entre os povos; os padrões ultrapassados de moral, de religião, de ética; as guerras, principalmente a do Vietnã, assim como o serviço militar obrigatório e o autoritarismo. É nesse sentido que estes movimentos chegam a gerar espanto, afinal não se luta por melhores condições de trabalho, salários, participação política ou qualquer coisa do gênero, como se fazia antes.

Luta-se pela liberdade ampla e irrestrita, independente de partidos políticos ou concepções ideológicas. Nos Estados Unidos este caráter do movimento estudantil sessentista fica mais evidente.

Os Estados Unidos na década de 60 eram uma nação em polvorosa. A Guerra Fria provocava uma onda de instabilidade em todos os setores da sociedade, na política e na economia.

A década de se inicia com promessas. John Kennedy, que assume o governo em 1961, era uma delas: forte, jovem, vigoroso e bonito, o homem símbolo do “povo”. Suas propos-

tas de governo são atraentes e a maioria voltada para o bem-estar social: programa de ajuda aos desempregados jovens e trabalhadores imigrantes, ajuda á educação, estímulo á expansão econômica e tentativas de cuidar do tratamento desigual dado aos negros. Mas, a maioria de suas propostas foram embargadas no Congresso. Em 1963 declarou estado de crise moral na nação, comprometendo seu governo a assegurar a igualdade.

Com relação a política externa, Kennedy tentava através dos meios disponíveis controlar as crises, mas durante a sua gestão, elas pareciam cada vez mais graves. Seu governo era incapaz de resolver os problemas internacionais.

A Revolução Cubana faz ressurgir os problemas políticos e ideológicos com a União Soviética. Para a situação interna no entanto, a guerra com o Vietnã desencadeou uma série de crises políticas e sociais.

O início da guerra vietnamita, a mais demorada e impopular das guerras (1950-1975) se dá quando Truman se nega a dar assistência à luta pela libertação nacional⁴, comandada por Ho Chi Minh - fundador do Partido Comunista Vietnamita.

Após a vitória de Ho Chi Minh sobre os franceses - seus colonizadores - a ajuda militar e econômica norte-americana passa à ditadura anticomunista de Ngo Dinh Diem. A CIA inicia atividades secretas no Vietnã e Kennedy, então aumenta a presença militar norte-americana naquele país. O resultado é desastroso. A Guerra do Vietnã se torna cada vez mais impopular e os comunistas aos poucos vão tomando o controle da situação.

Em 1963 Kennedy é assassinado, fato que faz aumentar as tensões internas. O governo seguinte de Lyndon Johnson, sujeito ambicioso e esforçado, procura retomar os programas de reformas internas, principalmente aqueles ligados à pobreza, consegue apoio do Congresso para a maioria das suas propostas, mas não resolve os problemas sociais.

⁴ O Vietnã era colônia francesa e após a Segunda Guerra Mundial lutou pela sua independência.

A manutenção dos Estados Unidos na guerra aumentam as manifestações populares. Mas Johnson continua tentando. Em 1968 assina um acordo com a União Soviética de não proliferação, destinado a impedir a disseminação ulterior de armas nucleares. Não é suficiente.

“No país à medida que aumentavam as baixas (25.000 norte americanos já haviam morrido no Vietnã até 1968) e o fim em nada parecia mais próximo, a guerra foi criticada mais geral e intensivamente do que qualquer outra em que havia se envolvido o país”⁵.

E não se falava em acordo de paz. Justamente neste ano, as manifestações cresceram em todos os níveis.

A Guerra do Vietnã era um problema externo que refletia na situação interna. Mas era apenas um dos problemas internos. Entre 1965 e 1968 estoura uma revolução negra nos Estados Unidos. Os movimentos negros norte americanos se juntam em torno de interesses comuns: direitos civis, participação igualitária na política e na economia, melhores condições de moradia, alguns chegam até a pedir a separação territorial entre negros e brancos. Enquanto a população branca se negava a reconhecê-los, o que aumentava o confronto direto entre negros e brancos, provocando cenas de violência e em alguns casos até de morte.

A morte de Martin Luther King Jr., líder respeitado e temido pelos negros e principalmente defensor da não violência, faz aumentar os conflitos armados entre brancos e negros. Os problemas pareciam insolúveis, agrava-se a situação com o renascimento do movimento feminista.

Buscando combater a discriminação no trabalho, o movimento feminista se aproxima das minorias oprimidas, motivadas pelos protestos por direito civis e contra a guerra. As mu-

⁵ SELLERS, C. May & McMILLEN, N. *Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos: Da Colônia à Potência Imperial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p.406.

lheres reivindicam igualdades de educação e emprego, assim como a redefinição do seu papel no lar e na sociedade.

Paralelo ao movimento feminista e ao movimento negro, ocorreram movimentos estudantis que buscavam transformar a ordem acadêmica e defendiam uma sociedade mais democrática.

“Em fins da década, à medida que entrava em escalada o envolvimento dos Estados unidos no sudeste da Ásia e terminava o adiamento da incorporação dos estudantes às forças armadas, as queixas se concentravam na guerra: que numerosos jovens universitários consideravam prolongamento de uma nação racista, imperialista e militarizada. Em alguns casos, as energias dos estudantes foram inocuamente canalizadas para experimentos fora do campus, tais como as ‘universidades livres’ ou ‘estalagens de ensino’, que reuniram estudantes e professores em longas discussões sobre a guerra”⁶.

Em meio a todos estes acontecimentos, Johnson via as suas reformas sendo dissolvidas, e a situação externa cada vez mais incontrolável. Quando os tanques soviéticos invadem Praga, na Tchecoslováquia, acabando com o movimento em prol da liberdade política e intelectual, o governo norte-americano se vê de mãos atadas tornando as relações entre EUA e a URSS cada vez mais tensas. Diante do desgaste do governo Johnson, Richard Nixon é eleito presidente em 1968.

A proposta de Nixon se destaca como “lei e ordem”. As manifestações pelos direitos civis que culminou em leis que aprovaram a livre expressão, a liberdade religiosa, provocou reações na camada conservadora da sociedade, que passou a exigir medidas drásticas

⁶ Ibidem, p. 410.

que evitassem que a sociedade caísse na subversão e no ateísmo.

Quando Nixon assume, a sociedade está dividida pela guerra e atormentada pelo medo da violência e de conflitos raciais, o novo governo tinha de enfrentar toda a sorte de problemas internos e externos sem mandato popular e sem apoio do Congresso.

A reação popular a todos esses problemas, envolveram os jovens, universitários ou não, na busca por uma sociedade mais justa, mais democrática, menos conservadora. Esses movimentos tinham caráter político sim, mas não buscavam confrontos com autoridades, embora lhe causassem sérios problemas. Baseados na “geração Beat” da década de 50, rejeitavam valores burgueses, tradições do pensamento Ocidental, cultuavam a emoção, o romantismo, eram místicos, viviam em comunidades e buscavam a auto realização, adotando um estilo de vida alternativo, e impuseram discussões que iriam transformar o mundo. A revolução que estes jovens propunham era a revolução da cultura, a CONTRACULTURA.

Foi exatamente a Contracultura que fez da década de 60 única e, como já dissemos antes, talvez a última desse nosso século.

“A contracultura produziu um impacto duradouro sobre atitudes norte-americanas em relação aos assuntos importantes como sexo, casamento, trabalho, lazer, carreira e guerra”⁷.

Embora Sellers acredite que a importância dada a esses assuntos tenha sido exagerada, a Contracultura mudou a face do mundo à partir de então.

⁷ Ibidem, p. 412.



PAZ E AMOR - Festival foi marco de uma geração pacifista e esperançosa

Woodstock

Fonte: Jornal Correio do Triângulo

CAPÍTULO II

WOODSTOCK, uma manifestação da Contracultura

“Imagine que não houvesse países
Não é difícil de fazê-lo
Nada pelo que matar ou morrer
E também não religião
Imagine todas as pessoas
Vivendo sua vida em paz
(...)
Imagine que não houvesse propriedades
(...)
Imagine todas as pessoas dividindo o mundo”

Imagine - 1971 - John Lennon.

Falar sobre o Festival de Woodstock e sob todos os acontecimentos que ocorreram na década de 60 como um todo, não é possível sem antes retrocedermos aos dez anos anteriores ao fenômeno da Contracultura: os anos 50.

A geração Beat, composta por rebeldes marginalizados, poetas e intelectuais que introduziram a boêmia nos subúrbios dos EUA e tinham como meio de contestação criticar todos os aspectos da sociedade americana: família, casamento, política, etc. E é portanto no interior dos bairros boêmios que surge uma nova literatura, a poesia Beat que se liga à homens como Allen Ginsberg e Jack Kerouac.

Os “beatniks”, diferente dos boêmios clássicos, foram a primeira geração a crescer com as manifestações populares e a não se envergonharem de gostar delas. Suas mensagens referenciavam suas próprias vidas, como no próprio livro de Kerouac (*On the Road*).

Foi a geração Beat que encarou a “rebeldia marginalizada” dos anos 50 nos EUA.

*“Os beats, no entanto são mais que uma lição sobre os riscos de prognósticos culturais. Eles são os últimos boêmios e os primeiros membros da Contracultura dos anos 60”*⁸.

Dito isto, será através dos caminhos delineados pela geração Beat, que já apresentavam um certo fascínio pelas doutrinas orientais que se difundiram, sendo o ponto de encontro entre os beats e os hippies dos anos 60. Estes últimos ligados a uma forma de vida mais harmônica e sensorial, sem apegos aos caminhos do intelectualismo e de uma vida mais ligada à carreira com rendimento regular.

Os hippies não levaram a sua contestação ao ponto de desejar o controle da “máquina social”, queriam para si a liberdade, a paz e o amor.

Assim, como nos EUA e também em bairros boêmios de Londres ou Paris, os rebeldes iniciavam uma nova linguagem de revoltas e contestação aos padrões impostos pelas modernas sociedades tecnocráticas, um estilo de revolta ligado a transformação de consciência e dos valores comportamentais, “(...) *na busca de novos espaços e canais de expressão para o indivíduo e para as pequenas realidades do cotidiano*”⁹.

A Nova Esquerda, movimento formado por estudantes e por alguns intelectuais no início da década de 60, também desenvolveu um papel importante no movimento da Contracultura, formando um tipo de contestação política junto ao movimento estudantil internacional indo de encontro ao Maio de 68 francês, um dos acontecimentos mais marcantes e contestadores dentro da história do movimento estudantil.

Deste modo, tanto os grupos de estudantes quanto os grupos de negros que lutavam contra o racismo e a discriminação, bem como os hippies, encontraram neste cenário a força

⁸ RUSSEL, Jacoby. *Os Últimos Intelectuais*. São Paulo: Trajetória Cultural/Edusp, 1990, p. 77.

⁹ PEREIRA, Carlos A. M. *O que é Contracultura*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 37.

necessária ou seja, a união de todas as correntes revolucionárias buscando um só ideal: a liberdade, o amor, o respeito, a vontade, conceitos importantes da vida do homem e que neste momento são elevados à condição primordial.

Portanto, a Contracultura (termo criado pela imprensa norte-americana para designar as diversas manifestações culturais ocorridas nos EUA), foi também palco para a realização de grandes festivais de música, onde o rock, enquanto forma de questionamento político por meio de suas letras, veio revelar grupos, músicos e festivais como: Beatles, Rolling Stones, Bob Dylan, Janis Joplin, Jimi Hendrix, dentre outros, e os festivais de Monterrey - 1967, Altamonte - 1969 e Woodstock - 1969.

O ano de 1969, traz dentre tantos acontecimentos mercantes de toda a década de 60, um momento particularmente especial, que elegemos como objeto de estudo dessa pesquisa. O momento ao qual nos referimos é o Festival de Woodstock, ocorrido em 17 de agosto de 69, em uma fazenda perto de Nova York - EUA.

Ao elegermos o Festival de Woodstock como objeto de pesquisa, o fazemos na intenção de demonstra que de certa forma, o festival reúne senão todas, pelo menos algumas buscas dos jovens dos anos 60.

O Festival de Woodstock não é só um festival de música, seu significado é mais amplo, ele busca romper as convenções habituais que para os jovens naquele momento não passavam de hipocrisias.

Escolhemos como fonte de pesquisa o filme *Woodstock - 03 Dias de Paz, Amor e Música*, do diretor Michael Wadleigh, de 1970, onde através de algumas cenas e depoimentos, analisaremos o valor histórico deste documentário. O uso de filmes como fonte de pesquisa e reconstrução histórica tem se tornado um constante e atual recurso utilizado por historiadores.

O cinema desde seu surgimento (1895) criou em seus espectadores a sensação de que o que se via na tela por meio de suas imagens, era a realidade, estas reduzidas a uma câmera, uma tela, uma sala e principalmente por meio do movimento, fator este primordial para impor a realidade. Porém esta realidade de que se impunha ao público não surgiu do nada, mas sim ligada a uma classe dominante (burguesia), o cinema foi a arte que eles criaram. Criação de uma classe que está impondo seu domínio no mundo Ocidental.

A fim de manter este domínio, ela, a burguesia, não ,poderia apresentar a sua ideologia como sua, mas sim fazer parecer que esta ideologia fosse entendida como a verdade, e neste caso, o cinema virá dar de encontro a estes interesses, “(...) *não só o cinema seria a reprodução da realidade, seria também a reprodução da própria visão do homem (...)*”¹⁰.

Porém, esta visão de cinema ligada aos interesses burgueses irá se desenvolver e, a partir da década de 60 o cinema passa a encontrar o seu lugar na sociedade, por meio de suas novas formas de produção e sua linguagem, delineando uma nova maneira de fazer cinema e, principalmente, de despertar no seu público uma não identificação com os cenários e a sua realidade.

A partir dessas questões, o cinema adquire um novo enfoque, onde aos poucos a linguagem cinematográfica foi se desenvolvendo e constituindo um novo rumo, o de contar histórias. Não só a linguagem cinematográfica como também o deslocamento da câmera, os recortes do espaço, a montagem das cenas do filme, leva-nos a perceber o cinema não como a interpretação da realidade, mas como a reprodução do real.

Partindo do ponto de vista que o filme torna-se uma mercadoria, é um produto vendável, o próprio sistema industrial acabou por prejudicar-se diante da sua rigidez, o que dificultou a renovação e para continuar como fonte rentável, irá a procura de novidades afim de atualizar; novas experiências, filmes que atendessem as exigências do mercado. Um bom exemplo fo-

¹⁰ BERNARDET, Jean Claude. *O que é Cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1980., p. 17.

ram os filmes que tratavam de assuntos relativos à juventude, drogas, viagens, assuntos relacionados à Contracultura tornaram-se vendáveis.

“Essa faixa de produção funciona como uma espécie de laboratório de teste, onde grandes produtores vão catando elementos de atualização e renovação, tanto na temática como na linguagem. Longe de dissolver ou enfraquecer o sistema, como as vezes se pensa, estas apropriações o fortalecem”¹¹.

Foi neste período dos anos 60 e 70 que desenvolveu-se o cinema “experimental”, um tipo de cinema que lutou para não transformar-se em mercadoria, o movimento “underground”, onde são utilizados temas e linguagens diferentes dos usados pelo cinema comercial.

Neste contexto enquadra-se nosso objeto de estudo. O filme ora analisado, produzido 25 anos depois do evento acontecido nos EUA, é fruto de uma montagem utilizando imagens que foram feitas na época (1969), portanto, trata-se de uma seleção da qual participam vários agentes envolvidos na indústria cinematográfica. Isso porém não vem reduzir o valor da obra enquanto um documento para a pesquisa histórica, já que, também aqueles que registraram os acontecimentos, alcançaram apenas o que lhes sugeria a sua sensibilidade, escolhendo ângulos, as pessoas, as ações dentre vários outros possíveis.

Assim, o mais importante talvez seja perceber que enquanto uma produção destinada ao mercado consumidor, esta não se daria se o momento em que foi projetado nas telas do cinema (1994) não representasse um campo fértil, ou seja, rentável. Não importa se o “espectador” o procura para fazer críticas ou como busca de formas de resistência alternativa, diante da atual queda dos paradigmas, até então consagrados como únicos e possíveis se alterar as relações estabelecidas.

¹¹ Ibidem, p. 68.

Woodstock - 03 Dias de Paz, Amor e Música torna-se um filme instigante uma vez que a própria forma como são produzidas as filmagens, leva-nos a perceber uma mudança na narrativa clássica da produção cinematográfica, ou seja, busca-se através da tela dupla ou tripla uma nova forma de abordar os acontecimentos, sem que para isso tenha de estabelecer uma sequência de cenas e cenários pré-estabelecidos. É uma nova forma de criar no cinema, forma esta que coincide com o ideal dos jovens da época, onde criar um novo e irreverente conceito cinematográfico adequa-se perfeitamente ao período em questão.

Portanto, ainda que estejamos diante de um processo seletivo de imagens (o que não é restrito ao cinema) podemos perceber através do filme, a relativização de alguns conceitos da cultura norte-americana. Do final da década de 60.

Um indiano não acreditaria que aquelas pessoas sem gravatas fossem americanos. A quebra do formalismo., que era o melhor referência para “o outro” - estrangeiro - marcava uma “nova realidade”, uma “verdade” que nem todos podiam “sacar”.

O Festival de Woodstock foi sem dúvida um acontecimento que chamou a atenção de diversos segmentos sociais, bem como da mídia, tanto pela proporção alcançada em número de pessoas, como pela forma de organização; os contratempos, comportamento dos jovens, tudo isso ocorrido nos três dias de duração do festival.

As pessoas, as atitudes, as circunstâncias, tudo contribuiu para mudar a direção do que fora programado. Os organizadores, os jovens, os músicos, as crianças, vão delineando sua história no decorrer do processo e, assim vão descobrindo o que “vale a pena” (“*ver a luz ... as pessoas de pé*”, declara o bilheteiro). Um evento que parece sobrepor aos limites daquela fazenda, ultrapassando fronteiras, quando o ponto de união é a cultura que se fez expressa de várias formas, elaborando hábitos, e aos mesmo tempo, sendo reelaboradas.

As pessoas falam de uma liberdade que não é possível de ser alienada ao roubarem o direito de ir e vir. *“Alguém ... está preso ... mas nada aconteceu. Ele está bem!”* - afirma Joan Baez a esposa do recluso, que continua a cantar. Para essa vida advogam mais que a comida: *“gostei de saber que já iniciou a greve de fome”*, continua a cantora.

Não assustam as grades, a fome, nem o inferno que os pais temem. Estes, que embora tenham valores diferentes, continuam a serem respeitados, ainda que não entendam as atividades dos filhos. Atitudes que variavam de acordo com cada um, nem por isso se isolam. O respeito mútuo é que impera, preservando a individualidade e, acima de tudo, exercendo a solidariedade.

A música, o rock principalmente por meio de suas letras polêmicas e de seus interpretes irreverentes e exóticos irá funcionar como um meio de comunicação capaz de descrever pelo menos boa parte dos anseios contidos no íntimo deste jovens. Era por meio da música e de seu ritmo eletrizante e de suas batidas fortes, que despertava na juventude os movimentos capazes de dizer muito mais que um milhão de palavras. Aquele era o momento de expressão, fosse ela corporal ou verbal, o que importava era exteriorizar os sentimentos.

“ (...) O rock pressupõe a troca, ou melhor, a integração do conjunto ou do vocalista com o público, procurando estimulá-lo a sair de sua condicional passividade perante os fatos. (...) Dançar é fundamental. Se não houver reação corpórea “quente”, não há rock”¹².

A transformação que buscam parece ser aquela do interior . A música é apenas um elo que aproximam tantos que estão à procura de si mesmos. *“Revolução”*? Não. Esta geraria *“loucura em massa”* (diz um jovem). Nem revolução e nem drogas, pois para ele as duas coisas

¹² CHACON, Paulo. *O que é Rock*. São Paulo: Brasiliense: 1982, p. 12.



Fonte: Revista Veja – Editora Abril – 10 de Agosto de 1994 – pg. 116.

se associam. Para estes, o final dos anos 60 deixam outras alternativas para aliviar as tensões do corpo através de técnicas de meditação e respiração.

Em meio à descontração, sem preocupação com palavras de efeito, os participantes deixam fluir o seu conceito de vida (poder “*andar, sorrir, ...*” - diz um dos organizadores) e deixam escapar que “*é um novo amanhecer*”, mas não sem referência, de maneira irresponsável. Ainda é importante lembrar do outro, partilhar a sua vida com aqueles quem lhes são próximos (jovens dão notícias a seus familiares).

Portanto, é possível perceber que esta nova forma de expressar a vida não se dá a partir da exclusão da eleição de alguns “donos da verdade” em detrimento daqueles que vêem o de um ângulo diferente. É a partir desta relativização - tentando esquivar-se da dicotomia Deus/Diabo, que aqueles envolvidos no festival puderam perceber que o mesmo exército composto por homens que matam no Vietnã, aloja também aqueles que salvam vidas.

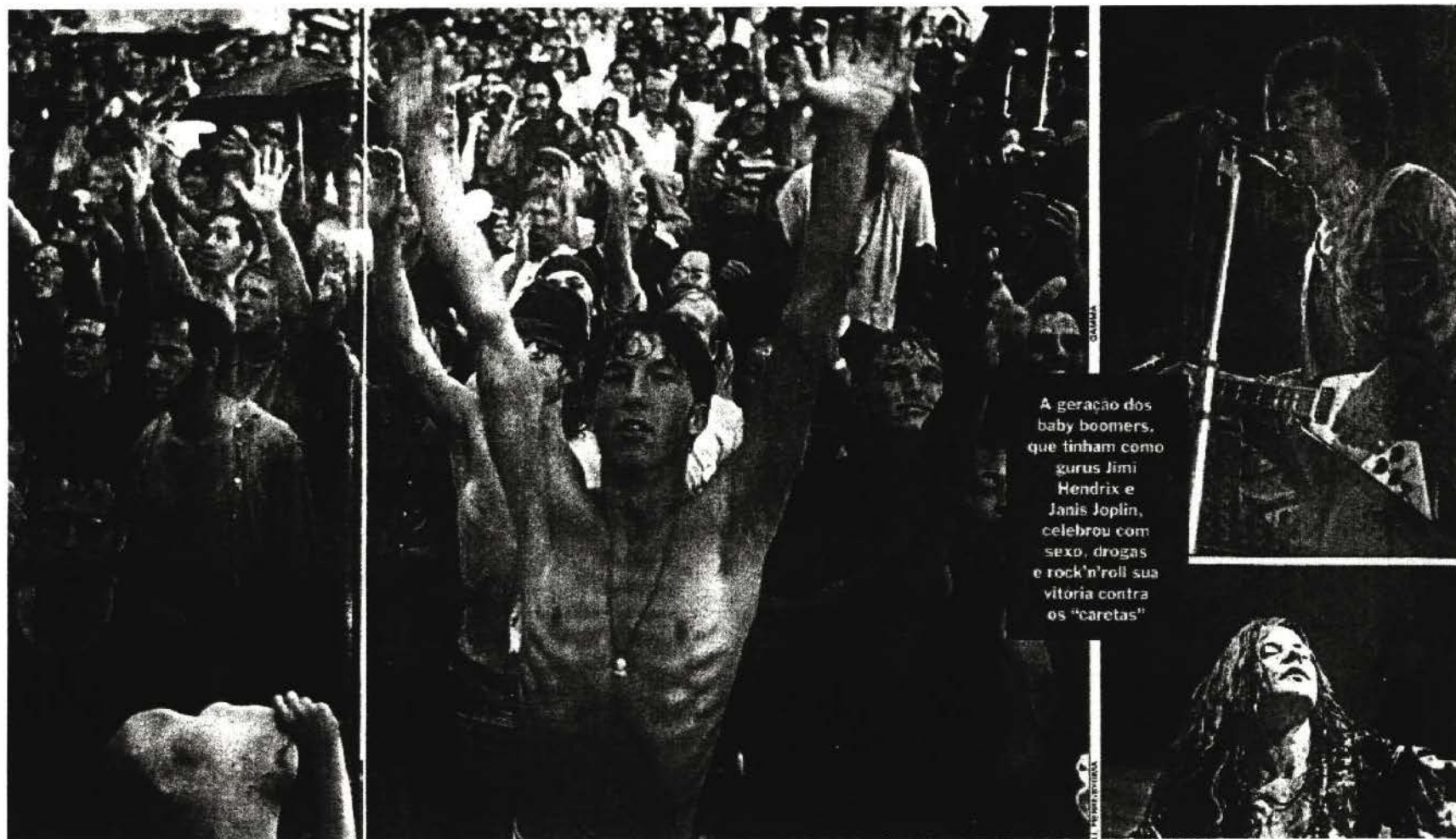
Sem heróis, sem conspiradores, o festival reuniu pessoas que choravam, sorriam, amavam, drogavam-se, brincavam, morreram e nasceram no decorrer daqueles três dias. Foram tantos os agentes de uma história que estava sendo delineada num espaço pequeno que levaram as “autoridades” a decretar “área de calamidade”, como é perigoso todo o espaço onde a verdadeira expressão pode vir à tona, trazendo a possibilidade da perda total de controle.

O evento, como o, local onde várias formas de se conceber e lidar com a vida foram manifestadas, não poderia passar para os registros históricos como algo passível de simplificação, cuja avaliação pudesse ser resumida em uma unanimidade. Assim, entre “caos”, “bagunça”, desejo de que ocorresse novamente, as perdas e ganhos vão sendo computadas por aqueles que envolveram ou foram envolvidos pelos participantes. Isso pode ser resumido numa única frase: “*numa calamidade há sempre um pouco de paraíso*”, constata um jovem.

Da censura ao fato de “menina de 15 anos dormindo na grama” aos questionamentos acerca das morte na Guerra do Vietnã, percebe-se também a sensibilidade daqueles que conseguem perceber que cada um estava levando a sua verdade, “maconhados” e “não maconhados”. “*Pessoas que vieram para entender o que se passa*”, declara um jovem, sem se prender no que seria “natural ou certo” nem se preocupar em dizer algo interessante” para que pudesse ser registrado. Apenas atendiam aquilo que fosse a expressão da liberdade (sem a intimidação do microfone). Uma liberdade que não chegava a incomodar a todos (nem ao policial).

No entanto, o filme deixa claro os limites desta expressão da subjetividade, da sensualidade, da liberdade enfim, ainda que existissem pessoas como aquelas em todo o país, vários lugares do mundo. Percebendo os “silêncios”, o músico pede o coro do público para cantarem juntos por aqueles que “*querem e não podem (cantar). Precisam de aprovação*”. Para estes, vão os “sentimentos” daqueles que crêem que cantar junto é mais do que uma “moda”.

Em síntese, os participantes do festival, ao levarem para aquele espaço as suas verdades incertas, quebraram pacificamente os regulamentos estipulados com antecedência e foram, juntos, contornando os imprevistos, improvisando alternativas, elaborando formas de convivência baseadas na liberdade e no respeito mútuo. Não buscavam poder ou glória. Iam em busca do seu próprio eu, não sem a tempestade, a dor, bengalas e muletas. Se valeu depende de cada um. Durou o bastante para que pudessem ser apenas o que queriam ser: eles mesmos.



Fonte: Revista Veja – Editora Abril – 10 de Agosto de 1.994 – pg. 115.

CAPÍTULO III

A UTOPIA DA LIBERDADE

“Eia, ó jovens da Nova Era! Oponde-vos aos mercenários na caserna, na corte e na Universidade, que pudessem eles reprimir a Guerra Mental e prolongariam a Corporal”.

(Willian Blake)

Os anos 60 foram os mais dramáticos, gloriosos e contraditórios da história da humanidade. Foram dez anos em que se construiu, destruiu e reconstruiu tudo: o nosso universo e as nossas medidas; o modo de vestir e o modo de amar.; os mitos e os valores; as crenças e incredulidades onde diferentes expressões mobilizaram milhões de jovens e intelectuais em diferentes partes do mundo.

A década de 60 foi marcada principalmente pelo movimento da Contracultura, que se caracterizava pela busca de novos padrões e comportamentos morais e éticos. Na verdade, o que se buscava era a não padronização desses comportamentos ou seja, o inverso do que era colocado naquele momento de tensão, mas não uma tensão político-ideológica e econômica, no sentido de estabelecer qual o sistema melhor para a sociedade: o comunismo ou o capitalismo, mas uma tensão que extrapola os limites econômicos e ideológicos, e que assume um caráter emocional de busca pela liberdade. A liberdade de “pensar” e “agir” conforme seus próprios conceitos e princípios.

Mas os princípios não são os mesmos de nossos pais, são aqueles que estão sendo criados pela revolução: a Revolução Cultural da década de 60. Essa revolução não tem em vista copiar o mesmo modelo revolucionário clássico, ou seja, a discussão não passa pela transformação

efetiva de um sistema econômico ou regime de governo, mas se pretende transformar as bases morais e éticas de uma sociedade, como já foi dito anteriormente.

“A revolução que está começando questionará não só a sociedade capitalista como também a sociedade industrial. A sociedade de consumo tem de morrer de morte violenta. A sociedade da alienação tem de desaparecer da História. Estamos inventando um mundo novo e original. A imaginação está tomando o poder”¹³.

O contingente revolucionário que irá suscitar todos estes questionamentos não se encontra fora da sociedade, ou mesmo à margem dela. Estes “revolucionários da cultura” são os próprios jovens da classe média, são eles que à sua maneira deram efeito prático as teorias rebeldes dos adultos da década de 50 (beatniks).

O cenário social desse período é conflituoso pois temos de um lado uma geração adulta passiva, resignada e conformada com o modelo de sociedade apresentado, onde privilegia-se a segurança, o bem estar, o consumo, a economia, a política e onde o controle da máquina social e administrativa está nas mãos de “especialistas” - indivíduos cuja sociedade elegeu e autorizou para que através de um dado conhecimento adquirido por meio de treinamento especial e técnico, passa a coordenar e até mesmo controlar a vida dos cidadãos não autorizados para tal tarefa.

Tal controle irá atingir todos os setores da vida dos “não técnicos”, ou seja, no campo político, social, econômico, cultural, etc. Temos portanto uma geração adulta docilizada e domesticada ao bel prazer da tecnocracia. Ultrapassar ou questionar tais valores significaria levar a sociedade ao caos.

¹³ Treco de reportagem de Edward Mortimer (Paris) para o *The Times* (Londres, 17 de maio de 1968), citada por Theodore Roszack em *A Contracultura* (2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1972), à página 33.

A tecnocracia é a representação ideal do apogeu da sociedade industrial e é por meio da organização por ela prevista que os indivíduos passa a ter em mente o ideal de modernização, atualização, racionalização e planejamento social. Seu domínio transcende a competência do cidadão comum, tornando-se responsabilidade dos técnicos.

A estratégia da tecnocracia reside em reduzir a vida a um padrão de normalidade, adequando à especialização técnica que cobra dos indivíduos uma intimidade onde se justifica o monopólio dos especialistas, daí a denominação de “regime dos especialistas”.

“(…) Podemos definir a tecnocracia como aquela sociedade na qual os governantes justificam-se invocando especialistas técnicos que por sua vez, justificam-se invocando formas científicas de conhecimento. E além da autoridade da ciência não cabe recurso algum”¹⁴.

A sociedade que se nos apresenta, está previa e tecnicamente composta e organizada. A geração adulta aceita e admite para si os caminhos traçados pelo sistema. Aceitar tais circunstâncias representa segurança, segurança esta que naquele momento de contestação era tão importante para os adultos que experimentaram os dissabores de guerras, ruína econômica e de tantos outros fatos por eles vivenciados.

De outro lado, temos a geração jovem deste período, totalmente avessa aos conceitos e benefícios oferecidos pelo sistema. Estes jovens não estão preocupados em seguir os caminhos já estabelecidos, a juventude da década de 60 tanto nos EUA, como em vários países da Europa e América Latina buscavam novos caminhos.

A década de 60 caracterizava-se por ser a década das guerras, da luta pela paz e

¹⁴ ROSZACK, Theodore. Op. cit., p. 21.

das contradições: do amor e do ódio, da abundância e da miséria, da repressão e da busca da libertação, do ecumenismo e das lutas religiosas, da explosão demográfica e da pílula, do homo e do heterossexualismo, dos cabelos longos e dos curtos, do realismo e da fantasia, da violência e da persuasão, o sim e o não. Foi um tempo em que as contestações estiveram presentes em todos os momentos; momentos como o Festival de Woodstock, tratado no capítulo anterior, onde questões relativas a obrigatoriedade do serviço militar e da Guerra do Vietnã (uma das guerras mais criticadas e polêmicas deste período e que visava reafirmar o poderio bélico da nação norte-americana) são levadas ao palco de um festival de rock, bem como também são levantadas as questões relativas as drogas, ao sexo, ao misticismo, dentre tantos outros ligados ao movimento da Contracultura.

Nossa intenção não é aqui tratar um a um os movimentos contestatórios do período que compreendeu a Contracultura, uma vez que esta seria uma pretensão muito acima dos nossos limites.

A Contracultura, seus movimentos, momentos e luta não poderiam ser analisados separadamente, cada um deles mesmo que possua suas particularidades, estão ligados de alguma forma não podendo assim dissociá-los para uma análises.

O que pretendemos portanto, através de uma visão panorâmica, é perceber que Woodstock trouxe, à luz de seus acontecimentos, as ansiedades, buscas e questionamentos de jovens que faziam da música, o rock principalmente, um dos veículos de manifestação. Manifestações contra a violência, tanto aquela praticada por guerras que não se justificavam - Vietnã - como das lutas raciais, os preconceitos, a repressão e tantas outras que marcaram sua geração.

A resposta desses jovens no entanto, era mostrar ao mundo que ser um desertor, um pacifista (hippies) ou um “maluco”, não significava ser alienado ou fraco, ao contrário, à sua maneira, demonstravam atitudes de uma convivência e amistosa, não só no momento do festival,



Manifestação contra a Guerra do Vietnã, no Central Park, em Nova York, em abril de 1968

Fonte: Jornal Folha de São Paulo – “Caderno Mais” – 10 de Maio de 1.998 – pg. 5.9.

como também em manifestações públicas onde se distribuíam flores às pessoas, tendo sempre no rosto um sorriso. Era o “Flower Power” (o poder da flor).

Através de depoimentos do filme *Woodstock - 03 Dias de Paz, Amor e Música*, percebemos que não só os jovens, mas também alguns adultos não se sentiam à vontade e até mesmo revoltados em relação àqueles jovens que lutavam e morriam no Vietnã e em tantas outras guerras que não eram suas. É o caso de um senhor que limpava banheiros durante o festival, ao dizer que participava porque tinha um filho ali e outro na guerra. Para este senhor como para tantos outros pais que tiveram seus filhos lutando ou morrendo numa guerra, qual seria o melhor caminho? Estar em um festival juntamente com tantos outros jovens buscando a alegria, a paz, a liberdade, o amor, drogando-se ou não, ou morrendo em campos de batalha de uma guerra que não se justificava?

As drogas como a maconha, o LSD representavam não só no festival como em toda a década o olhar atento e crítico da opinião pública como um todo. Para os “caretas”, denominação dada àqueles que não consumiam drogas, estas (drogas) representavam algo perigoso para a sociedade e que certamente levaria os jovens a “loucura” e conseqüentemente os tornariam mais “violentos” e “rebeldes”.

Diferentemente do que muitos pensavam, as drogas para a geração woodstockiana, funcionava como um “veículo” que os conduziria a uma nova forma de pensar a realidade, e que juntamente com os misticismo e os cultos naturalistas levariam a uma outra maneira de encarar a natureza e o corpo, revelando assim mais uma vez o caráter libertário e pacifista da geração que buscava paz.

“(...) Esta cultura e geração está longe da velha cultura e geração. Funciona por conta própria, sem polícia, sem armas, sem roupas, sem grilos. Todos ajudando

uns aos outros, e funciona. Tem funcionado desde que chegamos e continuará a funcionar, mesmo quando voltarem para casa (...)”¹⁵.

O depoimento acima, feito por um dos organizadores de Woodstock, e tantos outros mostrados pelo filme leva-nos a perceber como milhões de pessoas reunidas em busca de um ideal de liberdade, felicidade e paz, o fazem sem o uso da repressão, coerção ou poder, aspectos estes presentes na sociedade daqueles que os condenavam.

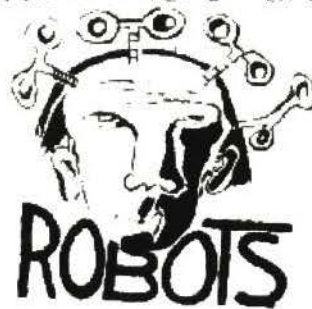
O amor, outra palavra de ordem do festival e das manifestações da chamada “Revolução Cultural” é usada para designar outra grande mudança no comportamento dos jovens. A revolução sexual visa por em xeque o conceito de sexualidade imposto pela sociedade tecnocrática; assim o sentido da palavra amor no período em questão revela o anseio dos jovens em não seguir um modelo tradicional e conservador herdado por seus pais, eles queriam ser livres também no sentido do compromisso institucional do casamento, da união monogâmica; livres para experimentar novas formas de amar, não só no sentido sexual, mas também no sentido mais amplo da palavra amor.

Porém o Festival de Woodstock assim como o movimento da Contracultura não se constituíram só de “flores” como todos queriam e acreditavam que seria. Se de um lado temos jovens contestadores à ordem estabelecida, e se estas contestações visavam dentre outros objetivos, desmistificar as questões relativas aos benefícios da sociedade de consumo, o que podemos perceber é que a sociedade ora criticada, se apropria de um momento “revolucionário” da geração jovem e toma para si através da mídia e de outros meios, o controle da situação, e pior, transforma-os em algo vendável, capaz de criar mecanismos extraídos do seio do próprio movimento, ou seja, o Festival de Woodstock organizou-se e buscou um fim lucrativo (o que não aconteceu), mas

¹⁵ Depoimento de Mike, um dos organizadores do Festival de Woodstock - 1969.

REVOLUTION
CULTURELLE
CONTRE

UNE SOCIÉTÉ DE



"Revolução cultural contra uma sociedade de robôs"

Fonte: Jornal Folha de São Paulo – “Caderno Mais” – 10 de Maio de 1.998 – pg. 5.4.

utilizou-se para seus propósitos os conceitos de libertação presente nas reivindicações dos jovens da década de 60. b

No entanto, realizar um evento nas proporções que foi Woodstock, e com a repercussão que o mesmo gerou em toda a imprensa, bem como entre os jovens e principalmente naquele momento de efervescência cultural e revolucionária, foi uma grande ousadia.

Roszack revela:

“(...) o grande problema da nova cultura que estava surgindo era justamente a forma como enfrentaram a publicidade deturpada com que os meios de comunicação sobrecarregaram suas experiências embrionárias”¹⁶.

Uma coisa torna-se fácil perceber: havia um interesse financeiro com a realização do festival, buscava-se lucros sim, mas também foi o momento de demonstração principalmente para a geração adulta, que os jovens não estavam ali apenas para “ficar numa boa”, este pode até ter sido o pensamento de algumas centenas de jovens, mas o que buscava-se eram respostas, uma forma de ver reunidas entre seus pares a mesma vontade, todos querendo um novo caminho - o seu próprio caminho, sem a preocupação ou compromisso de cumprir regras, de medir palavras, de estabelecer normas ou conceitos, e isto de certa forma contribuiu para reverter perfil daqueles que eram visto como “marginais”.

Quando denominamos os acontecimentos e os personagens que compuseram essa mudança de “revolucionários”, o fizemos no sentido de demonstrar que a década de 60 com o advento da Contracultura foi um momento único de transformações significativas na forma de pensar e refletir a sociedade, a cultura e os padrões existentes até então. Era muito mais que uma simples mudança de hábitos ou um conflito de gerações, na realidade o que existia era uma nova

¹⁶ ROSZAK, Theodore. Op. cit, p. 47.

forma de pensar, maneiras diferentes de se relacionar com o mundo e com as pessoas.

Portanto, é inegável a riqueza histórico-filosófica e porque não dizer “revolucionária” deste período.

Assim, esgotar as questões referentes à Contracultura e ao Festival de Woodstock não é nossa intenção, mas sim suscitá-las no sentido de pensar o que tem sido feito até então, ou foi feito na história que pudesse ser comparado aos acontecimentos daquela década.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvidas que a década de 60 representa ainda hoje para a história e para a memória individual de alguns “sobreviventes”, o período mais contestador e transformador daqueles dez anos.

Mais do que uma escolha de sistema: capitalismo ou socialismo, ou mesmo de uma luta de classes, o que se buscava era uma solução mais ampla, mais particular. Era necessário dar vazão às utopias, tanto coletivas como individuais. Foi o momento que fez com que os jovens refletissem sobre seus valores.

Este momento contribuiu para a formação de um homem mais livre, mais conhecedor de si próprio e portanto mais consciente, ao encarar as questões políticas que atingiam a sociedade como um todo. Sua beleza reside exatamente na coragem dos jovens da época em se colocarem no meio do processo e dizer: *“sejamos realistas que se peça o impossível”*¹⁷.

Os tempos mudaram. São outros personagens, outro cenário, outros questionamentos que exigem nova respostas.

O sonho da geração woodstokiana acabou naufragando no sistema por ela combatido. Isso se torna visível quando da comemoração dos 25 anos do primeiro festival em 1969; organizado sob a máxima do capitalismo, caracterizado pela essência contraditória levantada na primeira edição do evento. Contradição esta presente na própria organização, que cobrou ingressos no valor de US\$ 135,00 recolhidos criteriosamente de jovens americanos *“para reviver em WOODSTOCK II, o sonho hippie de seus pais”*¹⁸. Ou ainda na proibição do uso de bebidas alcóoli-

¹⁷ Grafite de Maio de 68.

¹⁸ ALCÂNTARA, Euripedes. “Do LSD ao Big Mac”. *Veja*, 10/08/1994.

cas, enquanto no primeiro evento a qualidade das drogas consumidas era informada pelos apresentadores.

Na segunda versão de Woodstock em 1994, estiveram presentes a rede McDonald's, a Pepsi-Cola e ainda era dado àquele que perdessem o show ao vivo a condição de poder adquirir um CD. Ao contrário dos voluntários que em 69 dispuseram a alimentar um batalhão de 400.000 pessoas, quando da precária organização foi incapaz de fazê-lo, era mais uma vez o espírito solidário da época que se manifestava nos momentos mais “trágicos” do festival.

Bem, ao compararmos as diferenças e discrepâncias existentes entre o Festival de Woodstock I e II, fizemos no sentido de ilustrar mais uma vez que por mais criticada que possa ser hoje a geração woodstokiana da década de 60, nunca podemos esquecer que foi na “fonte” de seus acontecimentos e manifestações que beberam e bebem até hoje diversos escritores, intelectuais ou mesmo cidadãos comuns à fim de confirmar seus interesses por um momento que mudou toda a forma de ser e de agir das pessoas.

Modismo ou não, os legados deixados pelos hippies, estudantes, músicos e por toda a vasta gama de personagens que compuseram a vanguarda da Contracultura e o Festival, estão a quase todo momento da atualidade ressurgindo, seja através das roupas, músicas, comportamentos e até mesmo referências, o que prova mais uma vez a busca no passado daqueles que por excelência souberam representar através de um estilo próprio, a contestação social e a ruptura aos padrões sociais estabelecidos.



"A beleza está na rua", cartaz estudantil de 68

Fonte: Jornal Folha de São Paulo – “Caderno Mais” – 10 de Maio de 1.990 – pg. 5.6.

DOCUMENTAÇÃO

FILMES:

Woodstock - 03 Dias de Paz, Amor e Música.
Diretor: Michael Wadleigh - 1994.

Hair
Diretor: Milos Forman - 1979.

La Chinoise
Diretor: Jean Luc Godard - 1967.

DOCUMENTÁRIOS:

Os Beatles e a Banda Sargento Pepper's".
Reportagem especial, TVE, Rio de Janeiro.
Produção: Granada Television Internacional - 1977.

Primavera de Praga - Saigon - Guerra Fria - Muro de Berlim - EUA Década de 50.
História em Ação.

JORNAIS:

Folhetim. Folha de São Paulo, 28/12/80, pp. 3-11.

Folha de São Paulo, 14/08/94, pp. 3.1-3.3

O Estado de São Paulo. 14/08/94, p. A 17.

REVISTAS:

Veja - Editora Abril, n.º 34 - 30/04/69, p. 66.
n.º 53 - 10/06/69, p. 58.
n.º 54 - 17/06/69, pp. 41-43.
n.º 57 - 08/10/69, p. 02
n.º 61 - 03/12/69, p. 08
n.º 1032 - 10/08/94, pp. 114-117.

BIBLIOGRAFIA

BERNARDET, J. C. *O que é Cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. & RAMOS, A. F. *Cinema e História no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1992.

CLARET, M. *Janis Joplin Por Ela Mesma*. Edição Ilustrada. São Paulo: Paulinas, 1990.

CHACON, P. *O que é Rock*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FRIEDMAN, M. *Enterrada Viva*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

JACOBY, R. *Os Últimos Intelectuais*. São Paulo: Trajetória Cultural/Edusp, 1990.

JAMESON, Frederic. "Periodizando os Anos 60". In: HOLANDA, H. B. de. (Org.). *Pos Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, pp. 81-126.

KEROUAC, J. *On the Road (Pé na Estrada)*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MARCUSE, H. "A Esquerda sob a Contra-Revolução". In: _____. *Contra Revolução e Revolta*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, pp. 11-61.

MATOS, O. C. F. *Paris 1968: As barricadas do desejo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

NEWFIELD, J. *Una Minoria Profética. La nueva izquierda norteamericana*. Barcelona: Ediciones Martinez Roca S/A, 1969.

PEREIRA, C. A. M. *O que é Contracultura*. 8ªed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RODRIGUES, J. H. *A Pesquisa Histórica no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1969.

ROSZAK, T. *A Contracultura*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

SELLERS, C. M. & McMILLEN, N. *Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos: Da Colônia à Potência Imperial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.